


Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 148250
Título: Perigo espreita o Douro					Temática: Generalista	GRP: 7.4
2006/09/02	EXPRESSO – PRINCIPAL	Pág. 22	Imagem: 1/1		Periodicidade: Semanal	Inv.: 3825.00

A ausência de linhas orientadoras e de fiscalização está a degradar a paisagem

Perigo espreita o Douro

A FALTA de gestão da área demarcada do Alto Douro Vinhateiro «irá colocar a região no estúdio de Património Mundial em Perigo». Quem o diz é Santos Pinheiro, um dos fundadores do Fórum UNESCO em Portugal e que esteve na origem da classificação, juntamente com a presidente da Comissão Nacional da UNESCO de então, Helena Vaz da Silva.

Santos Pinheiro refere que a categoria de Património Mundial «não se perde de um dia para o outro, mas há um estúdio intermédio que é o considerado Património Mundial em Perigo». Como a área classificada abrange vários municípios, o que dificulta o controlo e o consenso, reforça que o ideal é haver «uma entidade exterior» a tomar as rédeas. Para este especialista em património e centros históricos, a falta de gestão é «um problema gravíssimo» e assume que a responsabilidade começa no presidente da Comissão Nacional da UNESCO (CNU). «Há umas semanas, reparei em alguma construção na região demarcada e não era só num concelho, era em vários», acusa.

José Sasportes, por seu lado, avança que «já no mês de Setembro» vai realizar-se uma reunião com o coordenador da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do



A AMEAÇA vem das novas construções, da alteração das vinhas e do desrespeito pelas linhas de água

Norte, Ricardo Magalhães, e com todos os autarcas ligados à região demarcada. «O papel da CNU é estimular a organização para criar uma entidade gestora e não o de gerir uma região classificada», sublinhou Sasportes, reconhecendo que «o Douro não pode continuar sem gestão. É gravíssimo», assume.

A criação de um gabinete como o que já existiu no município de Lamego, há uns anos, poderá ser um remédio para o qual o autarca Francisco Lopes está disposto a colaborar. «A solução tem de passar por uma entidade que gira com intermunicipalidade, porque cada concelho tem uma palavra a dizer e a fazer no seu PDM». O problema maior «é em que ninguém repara» é o «da alteração das vinhas, os novos plantios, os socalcos diferentes e a falta de respeito pelas linhas de água, porque isso é que é a paisagem viva que classificou o Douro como Património Mundial», vinca o edil.

Para José Sasportes, «é muito clara» a resposta para o Douro. «Ou as pessoas desistem do Património Mundial e fazem o que querem ou, então, submetem-se às regras da classificação, que só trazem vantagens».

ISABEL MARQUES NOGUEIRA
JORNAL DO CENTRO